

A CONSTRUÇÃO DA IDEOLOGIA DO DESTINO MANIFESTO NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA “BLACK HAWK DOWN”

Maurineide Alves da Silva¹

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Por volta de 1845 John L. O’Sullivan, um editor jornalístico norte-americano de influência, cunhou a frase “Destino Manifesto” que se baseava na idéia de que Deus estava do lado do expansionismo americano, sendo eles designados para espalhar e prolongar as instituições democráticas pelo mundo. A difusão de tal ideologia se refletiu em uma seqüência de intervenções militares que se segue até os dias atuais. Entre elas, temos a intervenção militar na Somália em Outubro de 1993. A fracassada manobra militar promovida pelo exército norte-americano no país africano tornou-se, nas mãos de Ridley Scott, um sucesso de cinema: o filme *Black Hawk Down*, que no Brasil recebeu o nome *Falcão Negro em Perigo*. Através da contextualização e da análise da linguagem cinematográfica da obra, identificamos a presença de fatores constituintes da ideologia do Destino Manifesto, presentes ainda no século XXI.

Palavras-chave: Estados Unidos; Destino Manifesto; Cinema.

A ideological construction of manifest destiny in the context of cinematographic production “Black Hawk Down”

Abstract: Abstract: Around 1845 John L. O’Sullivan, an American influential newspaper editor, coined the phrase “Manifest Destiny” which was based on the idea that God was on the side of American expansionism, they are designed to spread and extend democratic institutions worldwide. The spread of this ideology was reflected in a series of military operations that follows until today. Among them, we have the military intervention in Somalia in October 1993. A failed military maneuver promoted by the U.S. army in the African country became in the hands of Ridley Scott, a hit movie: the movie *Black Hawk Down*, in which Brazil was named *Black Hawk Down*. Through contextualization and analysis of cinematographic language of the work, we identified the presence of constituent factors of the ideology of Manifest Destiny, still present in the XXI century.

Keywords: United States; Manifest Destiny; Cinema

¹ Graduada em História, Pós-graduada em História e Culturas Africanas e Afro-Americanas; Mestre em Identidades, Fronteiras e Processos pela Universidade Federal de Goiás, Doutoranda em História pela Universidade de Brasília. Professora de América e África da Universidade Estadual de Goiás.

Introdução

Fazer qualquer análise sobre os Estados Unidos e os norte-americanos não é uma tarefa fácil. Não no sentido de carência de fontes de informações, ao contrário, o grande número de material que se propõe a falar da nação norte-americana nos coloca a difícil tarefa de não cair na armadilha das generalizações simplistas. Como é ressaltado por D. K. Stevenson, a maior parte das imagens e opiniões sobre os Estados Unidos são ouvidas, vistas, lidas ou observadas fora deste país. As músicas norte-americanas tocam em boa parte das estações de rádio no mundo, programas de televisão, revistas, jornais, romances, lojas, empresas de publicidade (e principalmente o cinema Hollywoodiano) apresentam o tempo todo imagens dos Estados Unidos nos quatro cantos do planeta. “Em resumo, a América não termina em suas fronteiras. Em outras palavras a América parece estar em todos os lugares (...)”². Porém, conhecer e compartilhar da cultura ou de produtos norte-americanos não significa conhecer o norte-americano. O “american way of life” não é um, mas uma enorme complexidade de crenças e costumes que são as bases das identidades norte-americanas. É buscando analisar fatores constituintes do processo de formação identitária nos Estados Unidos que chegamos a nossa fonte de pesquisa: as produções cinematográficas. Sendo uma das formas de manifestação cultural mais fortes nos Estados Unidos, o cinema acaba por configurar um material extremamente rico de informações a respeito das crenças e costumes norte-americanos. Siegfried Kracauer, pensador alemão, faz uma análise desse papel do cinema ao ressaltar que:

[...] os filmes de uma nação refletem a mentalidade desta, de uma maneira mais direta do que qualquer outro meio artístico, por duas razões. Primeiro, os filmes nunca são produto de um indivíduo [...] Em segundo lugar, os filmes são destinados, e interessam, às multidões anônimas. [...] o que os filmes refletem não são credos explícitos, mas dispositivos psicológicos – essas profundas camadas da mentalidade coletiva que se situam mais ou menos abaixo da dimensão da consciência. [...] A persistente reiteração destes temas marca-os como projeções externas de desejos internos [...] Falar-se da mentalidade peculiar de uma nação de modo algum implica o conceito de um caráter nacional fixo. Nosso

² STEVENSON, D.K. **Vida e Instituições Americanas**. Alemanha: Ed. Ernst Klett Verlag, 1989, p.6.

*interesse aqui reside exclusivamente em tais dispositivos coletivos ou tendências que prevalecem em uma nação num certo estágio de seu desenvolvimento.[...]Por trás da história explícita das mudanças econômicas, exigências sociais e maquinações políticas, existe uma história secreta[...]*³

As observações de Kracauer corroboram com a nossa perspectiva do cinema como importante fonte reveladora de identidades. O gênero da produção cinematográfica não limita a riqueza do documento. É notório que independente de ser uma comédia ou um filme épico, fatores reveladores das crenças norte-americanas acabam por se apresentarem explícita ou implicitamente na produção. Mas não podemos deixar de reconhecer o importante papel dos filmes do gênero guerra na discussão de ideais norte-americanos que marcaram a história política, social, cultural e econômica da nação. A análise de produções cinematográficas do gênero guerra nos apresentou uma fonte riquíssima de informações sobre aspectos identitários norte-americanos: o filme *Falcão Negro em Perigo* (Black Hawk Down, Ridley Scott, 2001). A produção cinematográfica é baseada em fatos reais e apresenta a intervenção militar norte-americana na guerra civil somali em 1993. A análise da obra, que apresentaremos no decorrer deste trabalho, traz para a discussão um fator que marcou, e nos parece ainda marcar fortemente, a identidade norte-americana: a ideologia do Destino Manifesto. Dentro desse contexto, buscamos primeiramente analisar a construção de tal ideologia dentro dessa sociedade desde o princípio de sua formação: a colonização inglesa.

Os Estados Unidos e seu Destino Manifesto

O relacionamento dos Estados Unidos com as outras nações é caracterizado, pelo autor Voltaire Schilling⁴, através de “idéias-base” que orientam a sua política como doutrinas, ideários, corolários e enunciados. No presente trabalho destacaremos apenas a idéia-base de ideário. Ideário é o conjunto ideológico que dá sustentação á política externa dos Estados Unidos e que serve de estímulo e justificativa para a ação. Os ideários, segundo o autor, são formulados por intelectuais, jornalistas e militares que se encontram próximos do poder e exercem considerável influência sobre as decisões do executivo. Tais ideários se apresentam, geralmente, como uma expressão composta de

³ KRACAUER, Siegfried. **De Caligari a Hitler**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p.17-23.

⁴ SCHILING, Voltaire. **Estados Unidos X América Latina: as etapas da dominação**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1984, p.10.

duas ou mais palavras e sintetizam determinados objetivos nacionais, tais como o Destino Manifesto de O'Sullivan ou a Defesa do Mundo Livre de Foster Dulles.

Conforme Schilling⁵ no século XIX o constante avanço da colonização para o Oeste e para o Sul dos Estados Unidos fez brotar naquela sociedade a ideologia do Destino Manifesto, que expressava um dogma de auto-confiança: a idéia de que a incorporação aos Estados Unidos de todas as regiões adjacentes constituía a realização inevitável de uma missão moral assinalada à nação pela própria providência (a suprema sabedoria com que Deus conduz todas as coisas). A questão texana, que se iniciou em 1836, foi um poderoso fator de mobilização nacional para a concretização de mais uma etapa do destino manifesto.

Para os autores da obra *América - passado e presente*

*A saída em massa de colonos para além das fronteiras da nação nas décadas de 1830 e 1840 inspirou os políticos e os propagandistas na exigência da anexação dessas áreas que os emigrantes estavam ocupando. Alguns foram mais longe e proclamavam que era o "destino manifesto" dos Estados Unidos se expandirem até que tivessem absorvido toda a América do Norte, incluindo o Canadá e o México.*⁶

O presidente John Tyler iniciou essa política e em 1843 decidiu colocar todo o peso de sua administração na anexação do Texas. Ele previu que esta seria uma medida popular, especialmente no Sul escravocrata, que lhe daria uma base sólida de apoio na eleição de 1844. A iniciativa de Tyler fez com que o futuro do Texas fosse à questão central na campanha de 1844. Entretanto, James K. Polk ganhou a eleição. Polk era um expansionista confesso e candidatou-se com a mesma proposta de anexação de Tyler e identificou-se pessoalmente e ao seu partido com a causa popular de transformar os Estados Unidos numa nação continental.

O estado de espírito expansionista que acompanhou a eleição de Polk e a anexação do Texas recebeu um nome e uma justificativa. Por volta de 1845 John L. O'Sullivan, um editor de influência, acusou governos estrangeiros de conspirarem para bloquear a anexação do Texas num esforço para atrasar "o cumprimento do nosso

⁵ Ibidem, p.14.

⁶ DIVINE, R., FREDRUCKSON, G., BREEN, TH. **América: Passado e Presente**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992, p.286

destino manifesto de espalhar pelo continente a nós designado pela providência para o desenvolvimento livre dos nossos milhões multiplicados anualmente”.

Além de cunhar a frase Destino Manifesto, explica Divine⁷, O’Sullivan salientou as três principais idéias em que ela se baseava. Primeiro a de que Deus estava do lado do expansionismo americano. A segunda implícita na frase *desenvolvimento livre*, significava que espalhar o regime americano era prolongar as instituições democráticas e a terceira era que o crescimento da população exigia uma saída que a aquisição de territórios iria proporcionar. Havia a preocupação naquele momento de que os números cada vez maiores de população iriam conduzir a uma diminuição de oportunidades e a uma série de divisões em classes socioeconômicas como ocorreu na Europa, caso não continuassem a ser oferecidas novas terras para povoar e explorar.

A ideologia do “Destino Manifesto” lentamente foi sendo aperfeiçoada com o objetivo de poder justificar a expansão dos interesses norte-americanos para além dos limites continentais do país. Em 1890, esta ideologia recebeu notável impulso teórico com a divulgação dos trabalhos do Almirante Alfred T. Mahan, principalmente com a publicação de *The influence of Sea Power upon History*. Impressionado com o poderio da Inglaterra no mundo, Mahan chamava a atenção para a importância do controle dos oceanos numa estratégia imperial. Para ele, os Estados Unidos deveria construir uma poderosa esquadra e exercer controle do golfo do México e da Antilhas como uma “resolução inviolável da nossa política estrangeira”. As idéias de Mahan impressionaram Theodoro Roosevelt, na época secretário – assistente da Marinha. Roosevelt a utilizou como argumento para a intervenção americana na guerra de independência cubana, lançando as bases para o domínio dos Estados Unidos no caribe. Se Mahan forneceu o suporte teórico-estratégico, coube a Hebert Croly elaborar as justificativas intervencionistas através de sua obra *The Promise of American Life* (1909), influenciando outro presidente norte-americano, Woodrow Wilson.

Croly tinha uma visão que unia a ideologia do Destino Manifesto com o conceito de Hemisfério Ocidental em uma certa unidade política, justificando assim, uma “missão civilatória” dos Estados Unidos junto aos povos da América Latina. Esta “missão civilatória” implicava no dever de “pacificar e democratizar” os países latinos a partir das concepções estabelecidas pelo ideário norte-americano. O trabalho de Croly era, para Schilling, uma renovada justificação moral da intervenção contínua e

⁷ Ibidem, p.289.

permanente dos Estados Unidos. O autor ressalta que a emergência dessas ideologias intervencionistas dos Estados Unidos é um resultado lógico da competição entre as nações européias pela posse de colônias, o que caracterizou os anos que antecederam a I Guerra Mundial. Portanto Mahan e Croly foram tradutores dos sentimentos norte-americanos que sofreram profundas transformações entre 1880 e 1914, afinal os Estados Unidos não era mais uma terra ocupada por famílias de colonos recém emancipados e sim a maior potência econômica do mundo.⁸

Claude Fohlen corrobora com Schiling ao explicar que ao lado de argumentos morais, razões mais pragmáticas para o cumprimento do Destino Manifesto foram exportadas pelo oficial Mahan ao trazer essa estratégia naval desconhecida pelos teóricos de guerra. Para ele “o poderio durável, essencial, é o poderio marítimo.” Com o tempo aquele que domina os mares, vence sempre. E se os Estados em seu estado se continuasse fadado a uma espécie de preguiça naval, seria fatal.⁹

A idéia do Destino Manifesto, justificando a aquisição do Texas, do Oregon ao Alasca, acrescenta Fohlen, foi retomada nos últimos anos por historiadores como John Fiske, e especialistas em ciência política como John Burgess, que fazem uma análise de como tal doutrina se torna um sucesso maior quando relacionada com o mito da superioridade do homem branco e anglo-saxão, bastante difundida na época.

Uma das grandes falhas nas análises feitas por historiadores sobre a ideologia do Destino Manifesto nos Estados Unidos é abordá-la como se esta tivesse surgido unicamente do interesse de anexação territorial norte-americano no século XIX, quando a imaginação de um jornalista deu forma e nome a um ideário criado de forma conveniente para o momento histórico. As bases do Destino Manifesto, como de outras ideologias, são muito mais complexas e antigas. Ao analisar as três idéias em que ela se baseia, encontramos implícitas crenças que nos remetem à formação política, social, cultural e econômica dos Estados Unidos. Robert M. Crunden¹⁰ em sua obra *Uma breve história da cultura Americana* (1990) ressalta que na história dos Estados Unidos três tradições são fundamentais: religião, democracia e capitalismo. A fé no cristianismo, no capitalismo e na democracia marcaram fortemente a identidade norte-americana. A análise dos princípios da ideologia do Destino Manifesto nos remetem exatamente a tais

⁸ SCHILING, Voltaire. **Estados Unidos X América Latina: as etapas da dominação**. 2.ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 18.

⁹ FOLHEN, Claude. **América anglo-saxônica: de 1815 à atualidade**/Claude Fohlen; tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira: Es. Da Universidade de São Paulo, 1981, p. 109

¹⁰ CRUNDEN, M. Robert. **Uma breve história da cultura americana**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1990.

tradições. A primeira de que Deus estava do lado do expansionismo americano nos apresenta a tradição religiosa protestante, com ênfase nas crenças puritanas; a segunda que defende que espalhar o regime americano era prolongar as instituições democráticas nos remetem a importância dos ideais democráticos para os norte-americanos com o advento da independência. E a terceira, a preocupação com o crescimento populacional nos Estados Unidos e de que os números cada vez maiores de população iriam conduzir a uma diminuição de oportunidades e a uma série de divisões em classes socioeconômicas deixa explícito as preocupações econômicas típicas do capitalismo.

Diante desse dado, nos propomos a fazer uma análise mais próxima de cada uma dessas idéias em que se baseou o Destino Manifesto e de como elas foram influenciadas pelas crenças que se formaram no âmbito da sociedade norte-americana desde a sua formação.

Destino Manifesto: religião, democracia e capitalismo.

A primeira idéia em que se baseia a ideologia do Destino Manifesto refere-se a tradição religiosa norte-americana. Esta era recorrente desde o início da colonização inglesa nos Estados Unidos: a idéia de que o povo norte-americano era o “povo escolhido” por Deus e que mais tarde veio fundir-se à idéia de que “Ele” estaria do lado do expansionismo “americano”. Tal idéia obviamente está vinculada, sobretudo a Doutrina da Predestinação calvinista. Segundo Leandro Karnal, em sua obra *Estados Unidos – da colônia à independência* dentre os imigrantes ingleses que constituíram as colônias dos Estados Unidos estava um grupo minoritário que a história consagraria depois como os “peregrinos” (pilgrims). Estes vieram fugindo da perseguição religiosa constante na Inglaterra nos séculos XVI e XVII. “A América seria um receptáculo, também desses grupos religiosos”. Conforme explica o autor:

Estes “pais peregrinos” (pilgrim fathers) são de certa forma, os fundadores do que, mais tarde, seriam os EUA. Não são os pais de toda a nação, são os pais da parte “WASP” (white anglo-saxon, protestant, ou seja, branco, anglo-saxão, protestante) dos EUA. A historiografia, de todas as formas, costuma consagrá-los como os modelos de colonos.¹¹

¹¹ KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: da colônia a independência**. SP: Contexto, 1992, p.30.

Karnal ressalta que esses colonos, chamados de “puritanos”, tinham a idéia de que constituíam uma “nova Israel”, escolhidos por Deus para criar uma sociedade de eleitos. Como os hebreus no Egito, eles foram perseguidos e foram em busca de uma nova terra. São frequentes as indicações sobre “pacto” entre Deus e os colonos puritanos. Diante da seca de 1662 na Nova Inglaterra, os puritanos encontraram novos paralelos com a Bíblia: afinal Deus também castigou os judeus quando eles foram infiéis ao pacto.

O autor explica que como fiéis a tradição de Lutero e Calvino, a predestinação era uma idéia forte entre eles, e como Deus salva poucos, havia a crença de que os puritanos estavam entre os poucos que se salvaram. Os peregrinos não foram os únicos atores da colonização, uma diversidade enorme de colonos formaram os EUA, e tomar esses protestantes como padrão é uma das muitas generalizações didáticas que deformam os fatos da história norte-americana, alerta Karnal. Porém nossas análises nos levam a indícios de crenças puritanas em ideários como o Destino Manifesto formado séculos depois da colonização dos pilgrim fathers.

O estabelecimento de colônias permanentes nos Estados Unidos no século XVII preparou o terreno para a afirmação que Malcolm Bradbury e Howard Temperley na obra *Introdução aos Estudos Americanos* consideram o início dos propósitos “americanos” e de uma identidade cultural “americana”. Os autores enfatizam o papel das colônias puritanas e a importância significativa que esse grupo deixou para a história dos Estados Unidos, pois com eles emergem muitos dos temas “americanos” essenciais. A experiência como uma comunidade religiosa independente, o efeito do rude ambiente da Nova Inglaterra e o senso de cumprimento de uma providência divina criou neles um espírito distintivo, ressalta Bradbury e Howard. “Como escreveu um deles: ‘Não é a nós, como com outros homens, que as coisas pequenas podem desencorajar’”.¹²

Para o autor Luiz Fernando Garzon¹³, esses refugiados puritanos fizeram da expulsão um motivo de engrandecimento. A idéia da predestinação era forte entre eles. O autor corrobora com Karnal ao ressaltar que havia fidelidade à tradição de Lutero e Calvino, acreditavam que Deus salvava poucos e que eles estavam entre estes.

¹² BRADBURY, Malcom e TEMPERLEY, Howard. **Introdução aos Estudos Americanos**. RJ: Forense Universitária, 1981, p. 47.

¹³ GARZON, Luis F. **O Destino Manifesto e a tragédia anunciada**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.lainsignia.org/2002/septiembre/int-007.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2005.

A herança calvinista-maniqueísta dos puritanos “se Deus é por nós quem será contra nós?” é para Garzon uma contribuição decisiva na formação da identidade do povo norte-americano e de seu senso comum. O autor faz uma crítica ressaltando que os puritanos só considerariam o novo lar perfeito se extraíssem dele todas as “impurezas”. “Aqueles que se consideravam eleitos por Deus concluíam que o “mal” só poderia ser o diferente, o distinto, o outro”.

Trecho de uma pregação puritana em Nova Jersey no ano de 1860 revela tais ideologias: “Deus escolheu a América para que se construísse nela a sede do paraíso terrestre, por isso, a causa da América será sempre justa e nada de mal lhe será imputado. Os colonos são os verdadeiros herdeiros do povo eleito, pois preservam a santa fé. Nossa missão é liderar os exércitos de luz em direção aos futuros milênios”. Na pregação fica claro o sentimento de “povo escolhido” que caracteriza a principal idéia da ideologia do Destino Manifesto, a de que Deus está do lado dos ideais “americanos” e estando Deus do lado deles estaria também do lado do seu expansionismo e de suas deliberações. Tudo que se interpusesse no caminho da expansão (ou salvação) seria designado como maligno. “Tal crença levou primeiramente a demonização, seguida do extermínio, da população nativa: os indígenas que se colocavam em seus caminhos na marcha para o Oeste”, critica Garzon¹⁴.

Em sua obra *Cultura e imperialismo* Edward Said, também levanta um aspecto crítico da questão. A imagem que o povo dos Estados Unidos fazem de si, ressalta Said, é caracterizada, por

*uma espécie de superego puritano cuja perambulação pelos vastos ermos não conhece muita fronteira [...] com os termos cáusticos de Reiphold Niebuhr, que o país era ‘a Israel americana de Deus , cuja a missão consistia em ser o curador de Deus da civilização do mundo’.*¹⁵

¹⁴ GARZON, Luis F. **O Destino Manifesto e a tragédia anunciada**. São Paulo, 2002. Disponível em: < <http://www.lainsignia.org/2002/septiembre/int-007.htm> >. Acesso em: 03 fev. 2005.

¹⁵ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Contemporânea das Letras, 1995.p.364.

¹⁶ LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana S. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

François Laplantine¹⁶, em sua obra *O que é imaginário*, explica que a imaginação é o caminho não apenas para atingir o real, como também vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade. Os colonos puritanos acreditavam e desejavam ser o novo “povo escolhido”. Como a imagem, que figura no inconsciente, não é o próprio objeto mas uma faceta do que sabemos sobre esse objeto, ou seja, é uma imagem marcada pelos sentimentos e experiências que tivemos em relação à ela, conclui-se que a perseguição e a fuga difícil dos puritanos para a América, um lugar de refúgio, seja a experiência desse povo que os leva a interpretar o fato relacionando suas vidas com a do povo hebreu como relata Karnal:

*Tal como os hebreus no Egito, eles foram perseguidos na Inglaterra. Tal como os hebreus, eles atravessaram o longo e tenebroso oceano, muito semelhante à travessia do deserto de Sinai. Tal como os hebreus, os puritanos receberam as indicações divinas de uma nova terra, [...] são freqüentes as indicações sobre o “pacto” ente Deus e os colonos puritanos.*¹⁷

A segunda idéia do Destino Manifesto expressa na frase “espalhar o regime americano era prolongar as instituições democráticas” nos remetem a importância dos ideais democráticos para os norte-americanos. As idéias iluministas do século XVIII influenciaram a Revolução Americana no processo de independência dos Estados Unidos, mas mais do que isso influenciaram o surgimento de uma das crenças mais fortes dos norte-americanos: a democracia. A crença em uma sociedade em que todos os homens são iguais, com direitos inalienáveis e que os governos foram estabelecidos precisamente para manter esses direitos, cujo o poder legítimo deriva do consentimento de seus governados, traçou uma caminho particular na história dos Estados Unidos. Além de servir de exemplo para nações européias, a democracia norte-americana criou uma atmosfera de orgulho pessoal e nacional sem precedentes na nação.

Aléxis de Tocqueville, no clássico *A Democracia na América: sentimentos e opiniões*, faz uma análise marcante da importância dos ideais democráticos para a sociedade norte-americana. Na análise do autor os povos democráticos, sendo livres,

¹⁶

¹⁷ KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: da colônia a independência**. SP: Contexto, 1992, p.30.

¹⁸ TOCQUEVILLE, Aléxis de. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**. / Aléxis de Tocqueville; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martin Fontes, 2000, p.281

mostram um grande orgulho de si mesmos, uma realidade recorrente nos Estados Unidos. Ele faz uma exemplificação com humor sobre a questão:

Digo a um americano que o país em que vive é belo, ele replica: “É verdade, não há igual no mundo!”. Admiro a liberdade que gozam seus habitantes e ele me responde: “É um dom precioso, a liberdade! Mas há poucos povos que dela são dignos de gozar.” Noto a pureza de costumes que reina nos Estados Unidos: “Entendo”, diz ele, “que um estrangeiro, que ficou impressionado com a corrupção que se vê em todas as outras nações, fique pasmo com esse espetáculo.” Deixo-o enfim entregue à contemplação de si mesmo; mas ele volta até a mim e não me larga, enquanto não consegue me fazer repetir o que acabo de lhe dizer. Impossível imaginar patriotismo mais incômodo e mais tagarela. Ele cansa mesmo quem o honra.¹⁸

O orgulho de si do norte-americano é para Tocqueville um advento comum aos países democráticos. Nestes como as condições são muito mutáveis, os homens quase sempre adquiriram recentemente suas vantagens, o que o faz sentir um grande prazer em expô-las aos olhos dos outros. E como eles podem perder essas vantagens a qualquer momento, ficam em estado de alarme mostrando que ainda as possuem. “Os homens que vivem nas democracias gostam de seu país da mesma maneira que gostam de si mesmos e transportam os hábitos de sua vaidade privada para sua vaidade nacional.”¹⁹

Tocqueville lembra que foi a religião que deu origem a sociedade anglo-americana e que esse fato nunca deve ser esquecido, pois nos Estados Unidos esta se confunde com todos os hábitos nacionais e com todos os sentimentos que a pátria faz nascer, relacionando, portanto, com seus princípios democráticos.²⁰ Na análise de Fohlen²¹ várias seitas protestantes norte-americanas consideravam a sua religião a do futuro e proclamavam a melhor adaptada a uma sociedade democrática.

A democracia favorece o gosto pelas fruições materiais, alerta Tocqueville. Um gosto ,que tornando-se excessivo dispõe os homens a crer que tudo é

18

19 *ibidem*, p.282-283.

20 *Ibidem*, p.06

21 FOLHEN, Claude. **América anglo-saxônica: de 1815 à atualidade**/Claude Fohlen; tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira: Es. Da Universidade de São Paulo, 1981, p.109.

²² TOCQUEVILLE, Aléxis de. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**./Aléxis de Tocqueville; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martin Fontes, 2000, p.177-178.

matéria: “...e o materialismo,por sua vez,acaba de arrasta-lo com um ardor insensato para essas mesmas fruições.Este é o círculo fatal a que as nações democráticas são impelidas.É bom que elas vejam o perigo e se retenham.”O autor ressalta que a religião,por ensinar aos homens a imortalidade da alma,acaba por ser necessária a esse povo democrático os protegendo das fruições materiais.Portanto a religião é fundamental para o equilíbrio nas sociedades democráticas como os Estados Unidos.²²

Outro fator característico de sociedades democráticas, na análise de Tocqueville, são os interesses contrários onde o povo deseja a paz para proteger suas propriedades e investimentos,enquanto que os exércitos democráticos desejam ardentemente a guerra,por dois motivos:a guerra possibilita aos membros do exército maior consideração individual numa sociedade de iguais,além de não haver maior grandeza que satisfaça um povo democrático do que a militar,já que é uma carreira grande e súbita que se obtém apenas arriscando a vida e principalmente aumenta imensamente as atribuições do governo civil: “...ela(a guerra) centraliza quase forçosamente nas mãos deste(o governo) a direção de todos os homens e o uso de todas as coisas.Se não leva ao despotismo pela violência,conduz calmamente a ele pelos hábitos.”²³ Tais constatações nos remetem a história recente dos Estados Unidos quando uma ameaça externa entrega ao governo de George W. Bush atribuições centralizadoras que direcionaram os norte-americanos para conflitos militares no continente asiático.

Essa breve análise da democracia na sociedade norte-americana,nos ajuda a entender a sua importância e influência nos Estados Unidos e conseqüentemente a sua presença entre as idéias que norteiam a ideologia do Destino Manifesto.

A última idéia implícita no Destino Manifesto norte-americano, que ressalta a necessidade de novos domínios geográficos para abrir espaço e oportunidades a crescente população dos Estados Unidos no século XIX, nos remete a um fator de primordial relevância não somente nas questões econômicas, mas também políticas, sociais e culturais norte-americanas: o capitalismo. Louis Hacker²⁴ na obra *Capitalismo Americano* chama a América como a Pátria capitalista e explica que ao contrário da Europa do século XVII onde ainda sobreviviam instituições e atitudes não-capitalistas, a América foi uma terra onde o capitalismo, desde o começo, pode estabelecer-se. Este capitalismo foi aceito moral, legal e socialmente nas colônias inglesas da América do

²²

²³ Ibidem, p.334.

²⁴ HACKER,M. Louis. **Capitalismo Americano**.Louis M. Hacker;tradução de Manuel Campos.RJ: Fundo de Cultura,1957.

Norte, não havendo discussão acerca do seu emprego como único princípio organizador de produção de mercadorias e serviços. Na América o imigrante, que na Europa eram trabalhadores sem possibilidade de posse de terra, podia torna-se livre possessor. Essa foi a principal atração do continente. A ética protestante de parte desses imigrantes apoiava a dignidade do trabalho e com ela o processo acumulativo. Desde sua formação os Estados Unidos oscilou entre períodos de crise econômica e de grande prosperidade. Durante o período de 1837 a 1843, período imediatamente anterior a criação da ideologia do Destino Manifesto (1845), houve um grande colapso na economia americana, que mostrou, assim, as fraquezas de sua estrutura. Louis Hacker descreve a situação: “A despeito do crescimento em população, da marcha para o Oeste e do aumento do cultivo do algodão, a acumulação e o investimento americano não tinham bases firmes”.²⁵ Tal situação descrita pelo autor é reconhecida nos argumentos do jornalista O’ Sullivan, criador do Destino Manifesto como ideologia. A questão do crescimento populacional se mostrava preocupante, pois diminuiria as oportunidades. A busca de mais espaço geográfico se mostrava como uma saída não somente para o povoamento, mas também, abria a possibilidade de novos espaços de exploração econômica.

A crise que precedeu o termo Destino Manifesto influenciou, juntamente com as crenças religiosas e a força dos ideais democráticos na sociedade norte-americana, a sua criação. A questão para os partidários dessa ideologia era se os Estados Unidos iriam adquirir os seus novos e vastos domínios por meio de um processo gradual e pacífico de infiltração de colonos ou de uma diplomacia agressiva apoiada pela força e pela ameaça de guerra. A história nos mostra qual foi a escolha. Com o processo de expansão de seu território finalizado, os governos norte-americanos se voltam para a América Latina num cumprimento aos preceitos iniciados por uma doutrina: a Monroe.

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, sendo o principal fornecedor de armas e alimentos para a guerra, empreendeu um crescimento econômico e militar sem precedentes e se consolidou como a nova superpotência. Em seguida, uma seqüência interminável de intervenções militares seguiu-se até os dias atuais. Entre elas a intervenção militar na Somália em Outubro de 1993. Esse episódio veio a se tornar mais tarde objeto de um relato jornalístico, que adaptado para o cinema deu origem a

²⁵

Ibidem, p.15-68.

nossa fonte de pesquisa, a produção cinematográfica. *Falcão Negro em Perigo* (Black Hawk Down, Hidley Scott, 2001).

Somália: imperialismo, guerra civil e intervenção dos Estados Unidos.

Segundo o autor do texto *Mogadíscio: novas formas de combate*, o coronel e professor Carl Marowsky Pilowsky²⁶ do Exército do Chile, o começo da história moderna da Somália coincide com a abertura do Canal de Suez em 1869, ao estimular a expansão europeia na região, o que deu um novo valor estratégico ao Corno da África.

O interesse europeu na Somália levou à sua divisão no final do século XIX entre Inglaterra, que ficou com o norte do território, Itália com o sul e França com o que se chama hoje de Djibut. Diante dessa divisão, o território foi marcado por inúmeros conflitos de potências mundiais pela hegemonia na região. Após a descolonização, por volta de 1960, surgiu uma tendência nacionalista na região. Tal objetivo nacional enfrentou obstáculos como fronteiras mal definidas; estados multiétnicos com rivalidades raciais, religiosas e ideológicas; influência de três religiões monoteístas como cristã copta, islâmica e judaica; processos de fragmentação étnicos, religiosos e culturais a partir de 1990; devastação de uma seca permanente na área; falta de um idioma comum; diversidade de organizações dirigentes que antepõem interesses étnicos, locais e de clãs aos interesses da sociedade somali em seu conjunto e perda do monopólio da força por parte do Estado, como consequência da proliferação não controlada de armamento em poder de particulares, incrementado após o término da Guerra Fria.

Todas as características da tão conhecida incoerência imperial em determinar limites nas suas colônias sem considerar as diferenças culturais e raciais das tribos africanas. Suas consequências evidentes são os numerosos conflitos pós-independências para ocupar o vazio político deixado pelo fim do sistema colonial. O interesse dos Estados Unidos na Somália, segundo Pilowsky, constitui uma projeção de seus interesses sobre o Oceano Índico e o Golfo Pérsico: obter locais para bases militares que lhes permitissem dar segurança ao abastecimento de petróleo e apoiar as guerras que se desencadearam na zona do Oriente Médio entre 1967 e 1991.

²⁶ PILOWSKY, Carl M. *Mogadíscio: Novas Formas de Combate*. Chile. Disponível em: <<http://www.militaryreview.com>> Acesso em 04 jul. 2005.

O autor ressalta que os Estados Unidos, juntamente com a União Soviética, foram os responsáveis pelo abastecimento de consideráveis quantidades de armamentos no período da Guerra Fria. Ao fim da Guerra Fria terminou a competição pelo poder na área e a Somália passou a resolver seus problemas internos. Somente em 1992 a ONU se interessou especificamente pelo problema somali, caracterizado pela catástrofe humanitária que ocorria no noroeste da África. Em 1991 estala uma luta intensa entre a facção que apoiava o presidente interino, Ali Mahdi Mohamed, e a facção que apoiava o general Mohamed Farah Aided, presidente do CUS (Congresso Unido Somali), dando início a uma guerra civil que colocou a nação no mais absoluto caos, com resultado imediato de 300.000 mortos e 4.500.000 pessoas (50% da população) famintas, desnutridas e doentes. O CUS venceu a batalha mas se dividiu em duas facções e o conflito entre estas acabou com todo o vestígio de institucionalidade, desatando uma catástrofe humanitária e levando as Nações Unidas a intervir na Somália.

Em 1992, segundo o autor, o Conselho de Segurança estabeleceu uma ação na Somália (ONUSON I) com o objetivo de operações militares desarmadas visando uma solução política. No final do mesmo ano o Conselho aceitou a oferta dos Estados Unidos para assumir a liderança da organização garantindo prestação de socorro humanitário. Após o ataque do general somali Aided contra a ONUSON II, em 5 de junho de 1993, os Estados Unidos, sob o comando do general Willian Garrison, partiram em missão para capturar assessores do general somali. No dia 3 e 4 de outubro, no centro de Mogadíscio, essas forças foram emboscadas. Dois dos helicópteros Black Hawk foram abatidos; morrendo 18 soldados norte-americanos e 75 ficaram feridos; do lado somali foram mais de 1000 mortos, não chegando a contabilizar feridos. As imagens de corpos de soldados sendo arrastados pelas ruas de Mogadíscio foram mostradas nas cadeias de televisão nos Estados Unidos, causando um grande impacto. Desde o Vietnam a nação dos Estados Unidos não sofria uma derrota tão humilhante. Apesar da proporção de baixas serem favoráveis, com sua superioridade em infantaria e tecnologia, o fato foi considerado uma derrota política para o Congresso dos EUA.

Collin Powell, na época, descreveu a reação política com esta declaração: “Os americanos ficaram horrorizados ao ver um de seus soldados, morto e esquartejado, sendo arrastado pelas ruas de Mogadíscio. Fomos atraídos a esse lugar pelas imagens da televisão, e agora ela nos provocam uma indignação moral”. O efeito de tal derrota, assim como no Vietnam, demonstra a sensibilidade da sociedade e da conjuntura política diante de suas baixas em conflitos externos. Pilowsky ressalta que é interessante

notar que aquilo que Saddam Hussein queria fazer e não fez, foi conseguido por Mohammed Farrad Aided. Provocar tantas baixas, divulgadas pela mídia, que forçasse a retirada dos Estados Unidos.

O argumento do governo dos Estados Unidos para tal operação na Somália foi que as imagens televisivas da população somali faminta e doente chocou a população norte-americana. Por isso o governo Bush aceitou a solicitação da ONU de ceder a Força de Reação Rápida dos EUA para reforçar a ONUSOM II. Entretanto, a força enviada por eles nunca esteve sob controle da ONU durante as operações e operou sob o controle do Comando Central da Flórida. A operação na Somália em 3 de outubro de 1993 obedecia às ordens recebidas apenas dos EUA, sendo que as autoridades da ONUSOM II, inclusive o representante especial do Secretário Geral da ONU, foram os últimos a saber da operação.

Nessa operação, questiona Pilowsky, foi abandonada a neutralidade proposta pela ONU diante de uma luta entre facções e o objetivo de conciliação e desarmamento de ambas as partes para prover uma ambiente seguro para a ajuda humanitária foi ignorado. Diante da falta de comando da ONU, a ONUSOM II se posicionou ao lado de facções contra o poderoso Mohamed Farah Aided, transformando o programa em intervenção política e militar com operações de combate ofensivo. Tal evento colocou em debate as operações para imposição da paz com o emprego da força da ONU.

O que se questiona quanto à participação dos Estados Unidos nas operações na Somália não é sua união com as forças da ONISOM organizadas pela ONU. Esta tinha por objetivo garantir a ajuda humanitária para a população local atingida pela luta entre as facções. Porém, as operações sem comando direto da ONU seguiram caminhos diversos. Os Estados Unidos assumiram o comando e os rumos da operação de 3 de outubro, se posicionando contra uma das partes, a facção de Aided, já que o objetivo era seqüestrar dois de seus assessores. Tal operação poderia enfrentar resistência armada, mas erroneamente esta possibilidade não foi levada em consideração.

O resultado foi uma forte reação defensiva e ofensiva de ambos os lados, combatentes da facção de Aided e membros da população somalis enfrentaram soldados da força Delta e Ranger num interminável e sangrento combate de 15 horas. Obviamente, os equipamentos de guerra somalis estavam em desvantagem diante da tecnologia do exército dos Estados Unidos, apesar de possuírem mísseis e um grande contingente de armas remanescentes da Guerra Fria. Contudo, em número de combatentes e conhecimento do local os somalis estavam em vantagem, o que estendeu

a batalha. O comando das forças dos Estados Unidos imaginou uma operação fácil de captura dos membros da facção e todo o processo deveria durar 1 hora, mas ao menosprezarem as forças locais viram 18 mortos e 75 feridos tombarem em solo somali, dois dos helicópteros Black Hawk serem abatidos por mísseis e acudados saírem de Mogadíscio numa retirada dramática. Os combatentes da facção do general Aided estavam em alerta diante da presença das forças da ONUSOM próximas á capital Mogadíscio e o apoio de parte da população foi significativo.

É visível uma luta de poder. Um lado queria o poder local e o outro mostrar o seu poder. É visível também que a luta das facções locais ignorou a consequente catástrofe humanitária no país, ocorrendo, como denunciou a ONU, confisco de alimentos enviados para a população por parte dessas facções. A participação dos Estados Unidos na ONUSOM também não é questionável e sim a forma arbitrária com que foi feita a intervenção na capital Mogadíscio, longe da imparcialidade e neutralidade proposta pelas resoluções da ONU.

A fracassada manobra militar dos Estados Unidos na Somália inspirou a obra de relato jornalístico *Black Hawk Down - A Story of Modern War* do jornalista Mark Bowden, a obra, por sua vez, tornou-se nas mãos de Ken Nolan um roteiro de cinema. O resultado foi o sucesso de bilheteria “*Black Hawk Down*” que no Brasil recebeu o título de “*Falcão Negro em Perigo*”. A produção exemplifica as motivações dos EUA no conflito e principalmente ressalta aspectos identitários que nos remetem a ideologia do Destino Manifesto. Nos próximos capítulos analisaremos a produção e sua relação com tal ideologia.

O Destino Manifesto no cinema – uma análise de Black Hawk Down

Cinema: a arte fazendo história

O trabalho com o cinema como fonte de pesquisas históricas é bastante complexo. Através de nossas análises percebemos que a discussão quanto a metodologia utilizada na relação cinema e história é recente e, portanto, ainda pouco definida. Para não nos perdermos em nossa pesquisa, partimos primeiramente da preocupação em não confundir o que é trabalho dos estudiosos de cinema e o que cabe a nós historiadores que estudam o cinema como fonte histórica.

O mais conhecido historiador a trabalhar com o tema História-Cinema é Marc Ferro. Seus trabalhos foram divulgados na chamada “Nova História” e com isso ajudou no debate sobre o tema entre historiadores. Em sua obra *Cinema e História*,

Ferro faz uma análise da importância das produções cinematográficas como documento histórico partindo da ênfase a questão da contextualização: “Analisar o filme integrando-o ao mundo social, confrontando obra com autor, produção, público, crítica e regime de governo, só assim pode-se chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa”.²⁷ Procuramos neste trabalho iniciarmos um processo de crítica externa, a contextualização, e crítica interna do documento.

O cinema surgiu no início do século XX. Os Estados Unidos foram os primeiros a perceberem o lado comercial do cinema cobrando entradas para os filmes. Em 1909, em Chicago, mais de cem mil espectadores assistiam aos filmes em 118 salas. Os grandes produtores transformaram o cinema na quarta indústria do país. É nesse contexto de ampla perspectiva econômica do cinema que, por volta de 1910-13, surge Hollywood, um distrito dentro de Los Angeles, considerada a capital do cinema e que domina as produções cinematográficas do mundo. Segundo Leif Furhammar e Folke Isaksson²⁸ na obra *Cinema e Política*, o cinema norte-americano é o reflexo do momento pelo qual está passando a nação. E este fato é identificável em filmes do gênero guerra, que por apresentarem aspectos da política externa norte-americana, se tornaram fontes riquíssimas de informações para nossa pesquisa que trata justamente de uma ideologia que surgiu em um momento de expansionismo dos Estados Unidos. Ao apresentar intervenções militares norte-americanas, o gênero guerra nos apresenta, implícita e explicitamente, crenças nacionais que, no caso da nossa fonte, se relacionam com as idéias do Destino Manifesto.

Até a década de 1990 os filmes do gênero guerra concentraram-se nos episódios verídicos do Vietnã e da II Guerra Mundial. A partir do século XXI o gênero guerra diversificou-se e outros episódios de intervenção armada dos Estados Unidos tomaram a grande tela. Filmes como *Lágrimas do Sol* (2003) e *Falcão Negro em Perigo* (Black Hawk Down) (2001) apresentaram ao norte-americano e ao mundo a relação Estados Unidos e intervenção altruísta nos efeitos das guerras civis na África. *Black Hawk Down* nos apresenta crenças que nos remetem ao Destino Manifesto norte-americano, nos propiciando uma análise de como se configura essa ideologia agora, no século XXI, e como ela marca a identidade norte-americana.

²⁷ FERRO, Mark. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 87.

²⁸ FURHAMMAR, Leif. ISAKSSON, Folke. **Cinema e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.53

Análise de Black Hawk Down

A crítica interna do documento cinematográfico é a análise do enredo do filme onde é observado o que está explícito, ou seja, o conteúdo objetivo do filme enunciado de forma direta ao espectador e o conteúdo implícito, que Marc Ferro chama de o latente por trás do aparente, o não visível por trás do visível. O historiador lembra que neste trabalho o pesquisador deve levar em consideração que o realizador da obra pode transpor suas idéias consciente e inconscientemente, ou seja, existem conteúdos da obra que fogem até mesmo a percepção do autor e que se constituem em uma fonte importantíssima de informações. Neste tópico iniciamos uma breve crítica interna do documento.

É notório que as produções cinematográficas norte-americanas, principalmente as Hollywoodianas com seus grandes investimentos, buscam primeiramente conquistar o público dos Estados Unidos, a fim de baterem cada vez mais recordes de bilheteria. Para isso os realizadores tomam um extremo cuidado com as mensagens a serem transmitidas em suas produções. Normalmente trabalha-se com elementos que não choquem com as crenças desse público, evitando provocar a resistência deste à obra cinematográfica. A literatura sobre a psicologia social mostra, segundo Furhammar e Isaksson²⁹, que o homem tem uma forte resistência para atitudes que entrem em conflito com suas próprias. É por isso que o cinema dos Estados Unidos é um documento rico de informações sobre as crenças e conseqüentemente sobre aspectos identitários do povo norte-americano. Nosso objetivo ao analisar *Black Hawk Down* foi identificar tais crenças, o que nos levou a reconhecer a presença das idéias implícitas no Destino Manifesto norte-americano, ainda marcando fortemente, embora com novas configurações, as identidades nos Estados Unidos.

Dentro da análise dos autores Leif Furhammar e Folk Isaksson³⁰ os filmes de ficção compreendem em linhas gerais três fases consecutivas: primeiramente somos apresentados a um idílio que conquiste nossa simpatia; segundo uma força exterior ameaça esse idílio, procurando destruí-lo por meios abomináveis e terceiro são feitas tentativas heróicas para defender a harmonia inicial. Normalmente no cinema norte-americano o idílio que conquista a simpatia do público é um momento calmo e harmonioso. No caso de nossa fonte de pesquisa, *Black Hawk Down*, o idílio inicial não

²⁹ FURHAMMAR, Leif. ISAKSSON, Folke. **Cinema e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.199.

³⁰ Ibidem, p.52.

são imagens harmoniosas e sim de adultos e crianças mortos ou morrendo de fome, ou seja, já nos é apresentado inicialmente as conseqüências da força exterior que destrói a paz e a harmonia. As imagens, acompanhadas de uma trilha sonora comovente e de um texto que explica a situação, causa imediatamente comoção. A força exterior responsável pela a catástrofe, nos é apresentada logo em seguida, é o general Aided e os integrantes de sua milícia que estão retendo a ajuda humanitária aos flagelados pela fome. Posteriormente inicia-se a terceira fase, o preparo para as tentativas heróicas que buscaram reverter a situação e que tomam o desenrolar da narrativa filmica.

As cenas iniciais de *Black Hawk Down* trazem já implícitas a idéia do: “Precisamos fazer algo”, implícita no Destino Manifesto. Neste momento reconhecemos a crença na “missão altruísta” designada aos norte-americanos desde a sua formação, que os autores Bradbury e Temperley³¹ ressaltam ter criado nos Estados Unidos um espírito distintivo e que Said³² tanto criticou: “a Israel americana de Deus, cuja a missão consistia em ser o curador de Deus da civilização do mundo”. Uma análise dentro dessa perspectiva nos ajuda a entender melhor as motivações do Estado e principalmente daqueles jovens soldados dentro de uma missão que aparentemente não traria nenhum retorno para o povo norte-americano. Seria compreensível uma intervenção militar para defenderem suas próprias fronteiras, seu povo, sua família, seus interesses econômicos, o que não é o caso da intervenção na Somália. Tanto investimento e tantas perdas econômicas e humanas se envolvendo em conflitos dos outros, para que?. Algo mais os motivava, mais do que a busca de poder e prestígio. Algo que mexia com crenças, com aspectos da identidade norte-americana: o cumprimento de uma providencia divina, que mesmo inconscientemente é agente de motivação.

A fala do Sargento Eversmann quando questionado sobre o que acha dos somalis nos remetem a tais crenças: “Escutem, essas pessoas não tem trabalho, nem comida, nem educação e nem futuro. Acho que temos duas opções, podemos ajudar ou ficar vendo pela CNN o país ser destruído.” A mesma idéia aparece na fala do General norte-americano Garrison ao interrogar o vendedor de arma Somali, Atto. “Sr Garrison, não deveriam ter vindo aqui. É uma guerra civil. Nossa guerra. Não sua.” Questiona

³¹ BRADBURY, Malcom e TEMPERLEY, Howard. **Introdução aos Estudos Americanos**. RJ: Forense Universitária, 1981, p. 47.

³² SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Contemporânea das Letras, 1995, p.364.

Atto. Garrison responde: “Mais de 300 mil mortos. Isso não é uma guerra, Sr. Atto. É genocídio.” A questão humanitária justifica, de forma inquestionável, a missão.

Apesar das constantes justificativas para a presença dos Estados Unidos em tal conflito, Ridley Scott não deixa de fazer críticas a irracionalidade da guerra nos diálogos entre Sargento Eversmann e Sargento Hoot. Eversmann: “Acha que não devíamos estar aqui?”, Hoot: “Sabe o que eu acho? O que eu acho não faz diferença. Depois que a primeira bala passa pela sua cabeça a política e todo o resto vão por água abaixo”. Em outro momento quando Hoot ver Eversmann sofrendo pela morte de um companheiro dá-se o seguinte diálogo: Hott: “Esta pensando? Não faça isso. Não pode controlar quem é ferido e quem não é. Quem cai de helicóptero ou por que. Não depende de você. É uma guerra.” Eversmann: “Smith continua morto”. Logo em seguida uma longa cena de tiros dos dois lados, soldados norte-americanos e milicianos somalis, reforça a idéia da irracionalidade da guerra. Os cartuchos caem as centenas ininterruptamente, impressionando o espectador.

Apesar da descrença inicial do Sargento Hoot para a participação no conflito, ao final da trama ele encontra algo que justifique sua volta a zona de conflito novamente. Hoot para Eversmann: “Quando eu voltar para casa e as pessoas perguntarem, Hott por que fez aquilo, cara? Por quê? É viciado em guerra? Não vou dizer uma palavra. Por quê? Porque eles não vão entender. Não vão entender porque fizemos isso. Não vão entender que foi pelos nossos companheiros. É isso. É só isso.”

A camaradagem entre os soldados dos Estados Unidos que arriscavam suas vidas para salvar a do compatriota marcou tanto os realizadores da produção, como apresentamos no capítulo anterior, quanto o público do filme. Tal sentimento pode ser comum entre membros de exércitos de outras nacionalidades, mas é no filmes de guerra norte-americanos, que tal tema é sempre destacado, o que mostra um sentimento de união e patriotismo mais exaltado. Em diversas cenas de *Black Hawk Down* o sentimento de camaradagem para com o companheiro é ressaltado. Tal ato começa no momento em que o primeiro soldado, Blackburn, interpretado por Orlando Bloom, fere-se ao cair das cordas de um *Black Hawk*, mobilizando o Sargento Eversmann, protagonista da trama, e seus soldados para resgatá-lo.

A partir daí a operação, que era para se concentrar na captura de homens do General Aided, volta-se para seqüências intermináveis de sacrifícios para resgatar companheiros feridos, principalmente com a queda dos dois helicópteros *Black Hawks* atingidos por mísseis somalis, quando grupos de Rangers e Deltas receberam a ordem

do General Garrison para mobilizarem-se no resgate dos feridos e mortos: “Ninguém vai ficar para trás” foi a frase que caracterizou a missão. Depois da captura do piloto Mike Durant pelos milicianos um piloto de helicóptero anunciou em alto-falante por toda a cidade: “Mike Durant não o deixaremos para traz”.

O orgulho individual e principalmente nacional, que Toqueville³³ avalia como uma característica das nações democráticas, está presente na produção. Tal orgulho é perceptível no reconhecimento da superioridade militar dos Estados Unidos frente ao material utilizado pelos milicianos somalis. As imagens deixam claro que a derrota dos soldados norte-americanos foi unicamente em função da superioridade no número de combatentes somalis frente ao pequeno contingente de soldados norte-americanos enviados para essa missão. Antes da saída da base norte-americana, a frase recorrente entre os soldados para tranquilizar os companheiros era: “ Eu não me preocuparia, os somalianos atiram muito mal.” “É só tomar cuidado com as pedras que eles atiram”. Enquanto um dos jovens reserva água, o companheiro alerta: “ Não vai precisar disso, cara. Não vamos demorar.”

Ao ser capturado pelas tropas de Aided, o piloto Mike Durant é interrogado. No diálogo um miliciano, não identificado, ressalta: “Acham mesmo que se capturarem o general Aided simplesmente deporemos nossas armas e adotaremos a democracia americana? Que a matança acabara? Nos sabemos que sem vitória não pode haver paz. Sempre haverá matança, entende? No nosso mundo, as coisas são assim.”

Na frase do somali o contraste entre democracia e a irracionalidade genocida da guerra civil na Somália fica evidente. O objetivo do diretor parece-nos ser enaltecer a importância do ideal democrático para a manutenção da paz e do respeito à vida humana. A democracia está presente na segunda idéia do Destino Manifesto, onde O’Sullivan ressalta a necessidade de prolongar-se as instituições democráticas, ou seja, para ele era inquestionável que esse regime era o ideal e que portanto deveria ser levado para outras nações do mundo. Essa idéia é recorrente em produções cinematográficas norte-americanas, principalmente do gênero guerra, onde o choque com outros povos deixa evidente o contraste do regime democrático frente a regimes autoritários.

Os contrastes apresentados pelos realizadores entre os dois povos não ficaram apenas na questão do regime político, mas também entrou-se no mérito religioso. Na imagem em que um membro da milícia somali, islâmico como a maioria,

³³ TOCQUEVILLE, Aléxis de. **A democracia na América: sentimentos e opiniões.** / Aléxis de Tocqueville; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martin Fontes, 2000.

saúda Alá ao amanhecer, o filme passa uma idéia de incoerência já que após a saudação religiosa ele pega a sua arma, se preparando para o combate. Em outro momento, ao entardecer, enquanto os soldados norte-americanos, encurralados em escombros de um prédio, aguardam o comboio que irá resgatá-los, há uma pausa no ataque do inimigo e Eversmann diz ao Sargento Sanderson: “Cuidado com os magrelos. Estão nos telhados. Estão rezando, mas não por muito tempo.” No mesmo momento houve-se ao longe orações na mesquita. A mesquita aparece em várias cenas, numa composição simbólica da imagem. Ao passar os Black Hawks ou comboios indo para o combate, em várias situações identificamos ao fundo a Mesquita que representa, obviamente, a religião islâmica. A relação religião e guerra no filme aparecem como algo incoerente, apesar de a ideologia do Destino Manifesto pregar que Deus está do lado do expansionismo americano e este pode ser feito por intervenção militar.

No desfecho de *Black Hawk Down* os soldados recuam de Mogadiscio atrás dos comboios que não couberam todo o contingente resgatado. Enquanto correm em meio aos escombros e lixo de uma cidade aos pedaços, crianças e adultos somalis, as margens da estrada, comemoram a saída dos mesmos. Ao passarem ao lado dos escombros de um prédio, aparece uma pintura em forma de mural que toma toda a lateral da construção. Na imagem, uma Somália paradisíaca onde apresenta-se uma bela praia rodeada de verdejantes coqueiros. Mais uma vez o diretor traz a idéia de incoerência no binômio: paraíso x inferno.

Após a chegada dos sobreviventes norte-americanos na base aliada paquistanesa, a cena seguinte mostra crianças brincando em cima de um dos Black Hawks abatidos durante o combate e mulheres e homens caminhando tranquilamente pelas ruas devastadas, como se tudo tivesse voltado ao normal: a vida cotidiana dos somalis continua. No final de *Black Hawk Down* não se nega a derrota, mas também esta não é aceita, prefere-se acreditar que a missão ainda não acabou como na cena em que o soldado Ruiz ao ser atendido na base pergunta ao capitão Stelle: “Iremos voltar lá?” Stelle responde: “Pode apostar, só temos que nos reagrupar”. No texto final do filme sugere-se que a morte do General Aided três anos depois do 3 de outubro pode ter sido mérito do General Garrison que se aposentou no dia seguinte

Antes uma mensagem de Eversman que se despede do amigo morto remete ao orgulho e a consciência do papel heróico dos combatentes diante de uma intervenção militar aparentemente sem propósito: “Um amigo me perguntou antes de eu chegar aqui, íamos embarcar, ele me perguntou: Por que estão indo lutar a guerra dos outros?”

Acham que são heróis? Eu não soube o que dizer, mas se me perguntasse de novo eu diria não, de jeito nenhum. Ninguém pede para ser herói, mas às vezes isso acontece”.

Os heróis são construídos para que nos projetemos neles, com as virtudes que gostaríamos de ter e que por nossa realidade humana estamos limitados. Estes são nobres e atraentes e nos representam. Para os autores Furhammar e Isaksson,³⁴ o público se alegra com a visão do herói na tela defendendo valores que compartilham, crenças que identificam esse povo, chegando a acreditar que o filme lhes forneceu algo sobre o que pensar, quando este não faz mais do que acalantar os comportamentos e idéias desse espectador, alimentando ilusões. A imagem do herói em *Black Hawk Down* está vinculada ao sacrifício altruísta. A luta em desvantagem absoluta de homens diante dos somalis torna a batalha mais heróica. O fato de arriscarem a vida pelo companheiro comove o espectador, principalmente o dos Estados Unidos que se envolve nesse sentimento do uno.

³⁴ FURHAMMAR, Leif. ISAKSSON, Folke. **Cinema e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 202.